

ENTREVISTA/Christopher Lund

'Brasil não cresce sem capital externo'

ZELÃO RODRIGUES

SÃO PAULO — Os sinais dados pela Constituinte ao capital estrangeiro são de que ele é um mal necessário e não parte integrante do processo econômico brasileiro. As restrições impostas às empresas de mineração

de capital externo são um convite para que saiam do País. E esse desestímulo poderá afetar rapidamente outros setores. Foi com essa expectativa que o Presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, Christopher Lund, embarcou para seu País na sexta-feira.

Ao conceder esta entrevista ao

GLOBO, Lund alertou que todas as empresas, principalmente os dirigentes mundiais que decidem sobre a aplicação de seus recursos financeiros, passarão a procurar outras opções de investimento e acrescentou:

— É preciso não esquecer que há uma grande disputa pelo capital em todo o mundo e que ape-

nas 25% dos recursos mundiais são destinados às Nações em desenvolvimento.

Lund observou que há um fenômeno mundial hoje na constatação de que a forma de criação de riqueza é universal, dependendo, necessariamente, de investimentos e eficiência. Ainda assim, continuou, deve-se acres-

centar que o Brasil tem hoje uma das taxas mais altas de desigualdade econômica do mundo, com diferenças gritantes entre os mais ricos e os mais pobres. Isso obriga o País a desenvolver uma política de crescimento que também esteja entre os índices mais altos do mundo, no nível de 6% a 7% do PIB ao ano.

O GLOBO — Como o senhor interpreta as recentes decisões da Assembléia Constituinte no que diz respeito à participação do capital estrangeiro?

CHRISTOPHER LUND — No mundo inteiro, constata-se um fenômeno: o reconhecimento de que as leis que regem uma economia bem-sucedida e geram riqueza para uma nação são universais; o que varia é a forma de distribuição dessa riqueza. Quero dizer que a economia segue certos princípios que são universais. Não há crescimento sem investimento, seja qual for o país ou o momento.

O GLOBO — Sim, mas quanto às decisões da Constituinte?

LUND — Pois bem, os economistas medem o desenvolvimento de um país pelo PIB. O Brasil é hoje a oitava economia do mundo, mas eles medem pela capacidade de investir, de proporcionar bem-estar para sua

população e, nisso, dividem a capacidade de investimento pela população. Pois o Brasil, investe US\$ 2 mil por habitante. O Canadá, que está em sétimo lugar, investe US\$ 16 mil, Estados Unidos e Japão investem US\$ 18 mil e a Suíça de US\$ 20 mil.

Para um País em desenvolvimento, como a Espanha, os níveis de investimentos são de US\$ 4,5 mil por pessoa. Isso explica que o desafio do Brasil é muito grande, pois para que sua economia cresça em termos reais, o ritmo de seu crescimento demográfico teria que estar entre 6% e 7%. Para tanto, teria que ter uma das economias mais eficientes do mundo. Esse é o primeiro. O outro é reduzir as grandes desigualdades entre ricos e pobres. Também para isso, terá de manter sua economia em crescimento, gerando empregos. Como conseguirá isso se afastar os investimentos internacionais?

O GLOBO — Quais seriam as necessidades de investimento do País?



Foto de Soneca

O Presidente da Câmara de Comércio Brasil-EUA teme o desinvestimento

LUND — Para chegar a um crescimento de 7%, o Brasil precisa investir cerca de 25% do seu PIB. Em 1987, esse índice foi de 16%. O PIB da

economia formal, hoje, é de US\$ 310 bilhões, e terá que alcançar o equivalente a US\$ 560 bilhões. Nos anos em que o Brasil atingiu 25% de cres-

cimento, cerca de 21% dos investimentos foram recursos privados e públicos, e 4% externo, só que em forma de empréstimo e não de risco. Só agora é que o País inicia um movimento para converter esses recursos em capital de risco.

O GLOBO — O Senhor acredita que haverá fuga de investimentos estrangeiros?

LUND — As empresas estão sendo convidadas a sair. O capital estrangeiro está sendo tratado pela Constituinte como um mal necessário e não como parte integrante do processo econômico brasileiro. E preciso lembrar que de todo o dinheiro que é investido fora das respectivas fontes, 75% vai para os países desenvolvidos. As nações em desenvolvimento disputam os 25% restantes com países como Inglaterra, Alemanha, França. E o Brasil está nacionalizando o risco.

O GLOBO — Mas essas decisões são tão terríveis que podem afugentar o capital?

LUND — A imagem dos constituintes cantando o Hino Nacional ao aprovar a nacionalização da indústria de mineração é uma cena que deve ter sido vista em todo o mundo. E repercutiu mal. E verdade que nós, que vivemos no Brasil, defendemos que os investimentos se mantenham, mas os grandes dirigentes, os acionistas majoritários vivem fora e são eles que decidem para onde enviam seus recursos.

O GLOBO — O Senhor aconselha mudança de rumos?

LUND — Não. Mas estou no Brasil desde 1962. Tenho cinco filhos brasileiros. Rezo apenas para que o Brasil se mantenha dentro do sistema democrático. Mas é preciso observar que a voz que se ouve nas ruas é contrastante com a que vem de Brasília.